



PERCEPÇÃO DIRETA: CONTRIBUIÇÕES DO PRAGMATISMO PEIRCIANO PARA A ABORDAGEM ECOLÓGICA

João Antonio de Moraes

Mestre em Filosofia pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita filho” – UNESP/Campus de Marília
Marília – SP - Brasil
moraesunesp@yahoo.com.br

Paulo Henrique Araújo Oliveira Pereira

Mestrando em Filosofia pela Universidade Estadual Paulista – UNESP/Campus de Marília (Bolsista/Capes)
Marília – SP - Brasil
phaop44@hotmail.com

Nathália Cristina Alves Pantaleão

Graduanda em Filosofia pela Universidade Estadual Paulista – UNESP/Campus de Marília (Bolsista/PIBIC/CNPq)
Marília – SP - Brasil
nacherizah@gmail.com

Resumo: O objetivo desse trabalho é identificar elementos do pragmatismo peirceano que contribuam para o estudo da percepção direta próprio da abordagem ecológica. Para tanto, elaboramos uma discussão de possíveis aproximações entre as tais abordagens no que concerne ao estudo da percepção. Num primeiro momento, explicitamos a abordagem peirceana da percepção, a qual envolve três elementos: o *percepto*, o *percipuum* e o *juízo perceptivo*. Num segundo momento, apresentamos a abordagem ecológica da percepção, pautada principalmente nas noções de *afordance* e *reciprocidade*. Por fim, realizamos um balanço acerca da possibilidade de aproximação entre as perspectivas ecológica e pragmatista e em que medida o pragmatismo peirceano contribuiria para o estudo da percepção do mundo por parte dos organismos de forma direta.

Palavras-chave: Percepção. Realismo direto. *Percipuum*. *Affordance*.

Abstract: This paper aims to identify elements of Peircean Pragmatism that contribute to the study of direct perception present in the Ecological approach. To do so, we develop a discussion of possible approximations between such accounts in relation to the study of perception. First, we will present the Peircean approach of perception, which involves three elements: *percept*, *percipuum* and *perceptual judgment*. Next, we will show the Ecological approach of perception, which is based on the notions of *affordance* and *reciprocity*. In a final moment, we make a review of the possibility of approximation between Ecological and Pragmatist accounts and to what extent Peircean Pragmatism contributes to the study of perception of organisms in a direct way.

Keywords: Perception. Direct realism. *Percipuum*. *Affordance*.

Introdução

Dentre as questões acerca da percepção, seja de cunho ontológico ou epistemológico, destacam-se: no que consiste o ato de perceber? Como ocorre a percepção do mundo físico por um organismo? Esta percepção seria direta ou ocorreria pela mediação de algum tipo de representação mental? De acordo com Bonjour (2007), dois vieses se constituiriam na tentativa de responder a tais perguntas: i) a primeira focaliza a investigação acerca da natureza da experiência sensorial e qual sua relação com o mundo físico; ii) e a outra atenta para questões acerca da justificação das crenças geradas pela percepção do mundo físico. **A justificação das crenças pode ser admitida, principalmente, em duas perspectivas: fenomenalismo e representacionismo; contudo, ainda há uma terceira postura em relação a tal justificação, qual seja: a teoria da percepção direta.**

Segundo Bonjour, quando aplicados ao estudo da percepção, as perspectivas fenomenalista e representacionista enfatizam um subjetivismo perceptual. Isto porque segundo tais perspectivas as experiências de objetos externos pelos organismos nunca são imediatas, mas são experiências de um tipo de conteúdo das sensações geradas pelos objetos que estão presenciando. Uma vez que a percepção do mundo físico não ocorre de forma direta, faz-se necessário justificar a relação entre o mundo externo e sua mediação.

No contexto da justificação, os adeptos do *fenomenalismo* concebem que a percepção do mundo físico depende da construção de proposições sobre o mesmo de modo a estabelecer um conjunto de dados sensoriais (*sense-data*) particulares aos sujeitos. Tais dados sensoriais são “entidades não físicas, privadas, que possuem as qualidades sensoriais que a pessoa experiencia”¹ (BONJOUR, 2007, p. 3, tradução nossa). A justificação das crenças - mediadoras da percepção - dos organismos é fundamentada no conteúdo das características de sua experiência subjetiva. Por outro lado, os que adotam a perspectiva representacionista argumentam que a percepção do mundo ocorre através dos dados sensoriais obtidos por meio da experiência, os quais produzem crenças que constituem representações do mundo externo. Em outras palavras, as representações mentais são causadas pelo mundo externo e sua justificação seria embasada em inferências.

Contudo, as abordagens da percepção relacionadas ao subjetivismo perceptual apresentam seus problemas. Os teóricos fenomenalistas se deparam com a dificuldade de especificar as condições nas quais os dados sensoriais (matéria prima das proposições sobre o mundo) são obtidos. Por exemplo, na percepção de um objeto *x*, a proposição constituída sobre as características deste objeto não é capaz de englobar as características do ambiente em que *x* está situado. Como ressalta Bonjour (2007), para o fenomenalista não é relevante analisar o ambiente em que o objeto está situado, pois este ambiente não existiria enquanto um lugar independente da mente. Dentre os problemas ressaltados pelos críticos do representacionismo na explicação da percepção, destaca-se o problema da “regressão infinita”. Como justificar a adequação da representação gerada ao mundo percebido? Rodrigues e Moraes (2009, p. 7) ressaltam o conhecido argumento da regressão ao infinito: seria necessária ao organismo uma

¹ [...] private, non-physical entities that actually have the immediately experienced sensory qualities.

metarrepresentação (uma representação de ordem superior) para justificar a representação do mundo. Mas como justificar a adequação desta metarrepresentação? Seria preciso uma meta-metarrepresentação. Dessa necessidade surge outra indagação: por que tal sistema não acessa diretamente a referência de suas representações?

Nesse contexto, apresentaremos duas propostas que abordam a percepção de modo direto: a Filosofia Ecológica e o Pragmatismo peirceano. A explicação da percepção segundo a perspectiva direta torna vazia a pergunta acerca da justificação da crença; uma vez que a percepção do mundo físico pelo organismo ocorreria sem mediação interna, não haveria o que ser justificado. Mas como compreender a percepção segundo um realismo direto? Seria possível estabelecer uma aproximação entre as abordagens *pragmatista* e *ecológica* da percepção? Discutiremos esta questão a partir da hipótese segundo a qual o conceito peirceano de *percipuum* pode ser entendido como um ponto de aproximação com a perspectiva ecológica, uma vez que ambos as propostas concebem uma abordagem direta da percepção. Assim, nas próximas seções apresentaremos pressupostos que julgamos comuns entre o Pragmatismo desenvolvido por Charles S. Peirce (1931-1935) e a Filosofia Ecológica proposta, principalmente, por Gibson (1896), pressupostos estes que poderiam responder a esta questão.

1. O conceito de *percipuum* no estudo da percepção segundo Charles S. Peirce

Peirce (CP 5.212, tradução e grifo nosso) concebe a importância da percepção do seguinte modo: “Os elementos de todo conceito entram no pensamento lógico através dos **portões da percepção** e dele saem pelos portões da ação propositada” (CP 5.212).²

No entendimento de Peirce, a percepção é uma ferramenta do organismo que lhe garante a legitimidade lógica dos elementos que a ele se apresentam. A experiência do organismo gerada pela percepção também assegura seus processos *sígnicos*.³ Peirce nega que tais processos sejam estritamente racionais, mas seriam construídos diretamente pelas experiências perceptuais. Nesse sentido, a percepção é o modo pelo qual o organismo apreende o significado do mundo, o que torna possível seu agir adequado.

Na análise do processo perceptivo, de modo a evitar um dualismo, Peirce propõe um esquema triádico constituído pelos elementos: *percepto*, *percipuum* e *juízo perceptivo*.

Peirce cria o conceito de *percipuum* para “unir” *percepto* e *juízo perceptivo* (CP 7.629). O **percepto** está no plano da Primeiridade e Secundidade, não carregando consigo qualquer ideia ou estado de coisas trazidas sobre ele (isto é, atribuídas a ele pelo juízo do observador). Ele aparece ao organismo. O **juízo perceptivo**, por sua vez, é a representação⁴ de algo, é a Terceiridade. É por meio do

² *The elements of every concept enter into logical thought at the gate of perception and make their exit at the gate of purposive action.*

³ Os processos *sígnicos* são todo e qualquer processo que envolva *signos*. O *signo*, no pensamento peirceano, é algo que representa um objeto a um interpretante, porém o *signo* não é capaz de representar tal objeto em sua totalidade. Os *signos* estão em evolução constante e a cada nova relação que um *signo* estabelece surge um novo *signo*. Ao *signo* se correlacionam três outros elementos, chamados de *representamen*, objeto e interpretante.

⁴ O sentido da palavra *representar* no contexto do pragmatismo peirceano difere daquele sentido clássico que remete a representação interna cartesiana. De acordo com Jorge (2011, *correspondência pessoal*), a palavra

juízo perceptivo que o organismo identifica o percepto e o distingue das outras coisas. O percepto simplesmente aparece de forma arbitrária ao organismo. Por outro lado, o juízo perceptivo pode ser alterado (no sentido de se discutir o vermelho de uma camiseta, por exemplo). Enquanto o percepto não é inferencial, o juízo perceptivo fornece o direcionamento das inferências lógicas (elementos generalizantes) caracterizadas como não necessariamente conscientes e controladas (CP 5.181). Nas palavras de Peirce (CP 7.643, tradução e grifo nosso):

Por essas e outras razões, proponho considerar o percepto, tal como ele é **imediatamente interpretado** no juízo perceptivo sob o nome de "**percipuum**". O **percipuum**, então, é o que se força ao reconhecimento, sem qualquer porque, tal que se alguém pergunta a razão de considerá-lo como aparecendo de tal e tal modo, tudo que você pode dizer é, "não posso fazer de outro modo. Isso é como o vejo".⁵

Conforme ressalta Santaella (2000), a percepção é uma relação triádica e inseparável entre percepto, *percipuum* e juízo perceptivo. Para a compreensão dessa relação, é fundamental explicitar **a interação entre signo e objeto**.

Signo e objeto possuem um papel central na concepção peirceana da percepção, pois o signo só pode estar no lugar do objeto - Dinâmico ou Imediato - se possuir algum aspecto que corresponda a ele. Essa correspondência se evidencia no domínio da Secundidade, alteridade ou realidade. Isto porque sem a percepção do diferente não há possibilidade de distinção e correspondência entre os elementos e suas características, as quais podem ser pensadas como extensão e profundidade, presentes no domínio informacional⁶. Nesse sentido, o que provoca, ou gera, o signo é o Objeto Dinâmico (objeto como ele é – atribui ao signo sua representação) e o que permite a ligação entre eles é o Objeto Imediato (é o objeto tal como o signo o apresenta) (CP 4.536). A atribuição de signos a objetos depende, num primeiro momento, da captação de um signo que indicaria algum aspecto do objeto. O Objeto Imediato e o Dinâmico caracterizam a percepção nas categorias da Primeiridade e Secundidade, respectivamente, sem interpretação.

A relação entre a tríade perceptiva, o signo e o objeto ocorre do seguinte modo: "o percepto desempenha o papel lógico do objeto dinâmico, o *percipuum* o papel do objeto imediato e o julgamento da percepção está no papel do signo-interpretante" (SANTAELLA, 2000, p. 51). A relação entre os três elementos pode ser exemplificada na situação em que um indivíduo se depara com um farol de carro aceso. Neste caso, a luz irradiada pelo farol do carro é o percepto, um existente no mundo externo que, incessantemente, compele a atenção do indivíduo a ele. Contudo, não há um elemento "intencional" na luz que a guie para o indivíduo. Santaella (2000, p. 51), entretanto, destaca que **a partir do momento em que o percepto atinge os sentidos do indivíduo (ou de um organismo qualquer) ele é convertido em *percipuum***. O indivíduo atribui um juízo imediato ao percepto, tal qual

representação seria sinônima da geração de um novo signo, cuja parte do processo é denominada julgamento perceptivo, mas nada menos que um novo signo gerado. Isso se distancia radicalmente do cartesianismo ou de representacionismos, pois é uma volta a cadeia triádica.

⁵ *For this and other reasons, I propose to consider the percept as it is immediately interpreted in the perceptual judgment, under the name of the "percipuum." The percipuum, then, is what forces itself upon your acknowledgment, without any why or wherefore, so that if anybody asks you why you should regard it as appearing so and so, all you can say is, 'I can't help it. That is how I see it.'*

⁶ Em poucas palavras, segundo Peirce, a informação se constitui na intersecção entre a extensão e a profundidade, ou seja, na intersecção entre elementos possíveis e características possíveis.

ele se apresenta. Após convertido em *percipuum*, o percepto é passível de juízo perceptivo, isto é, de interpretação⁷, por meio da qual o organismo o distingue das outras coisas existentes no mundo externo.

O *percipuum* apresenta-se em três gradações: vagueza, reação e hábito; cada qual possibilita um nível distinto de interpretação. O primeiro modo que o *percipuum* se apresenta é de forma vaga, numa imediaticidade qualitativa. Nesta gradação, diz Santaella (2000, p. 52), o que pode variar é a intensidade, que vai do imperceptível ao infinito difuso, sem começo nem fim. A segunda gradação corresponde a um impulso reativo; o *percipuum* se coloca como defensivo a incessante força de apresentação do percepto. Esta, por sua vez, é automática e interrompe o fluxo da consciência de modo previsível e sem sustos. O terceiro grau do *percipuum* é governado pelos hábitos de percepção, os quais conduzem o percepto à interpretação pelo juízo perceptivo.

As três gradações do *percipuum* podem ser explicitadas pelas noções de Interpretantes Imediato, Dinâmico e Final. O Interpretante Imediato é aquela primeira apreensão que o organismo possui do objeto através da sensação. Esse interpretante se revela no entendimento do signo e pode ser considerado o significado do signo. Como ressalta Silveira (2007, p. 49-50), as diversas compreensões ou interpretações permitidas pelo Interpretante Imediato serão os Interpretantes Dinâmicos do signo. O Interpretante Final ou normal, por sua vez, seria o efeito produzido (ou expressão completa da representação que se fará) na mente pelo signo após o desenvolvimento suficiente do pensamento (CP 8.343).

Enfim, segundo a abordagem peirceana, perceber é uma atividade executada frente a algo externo (o percepto), do qual só se pode dizer algo de forma consciente – fazer um juízo perceptivo – a partir do *percipuum*. A percepção imediata do objeto ocorre por meio do *percipuum*, o qual conduz o percepto ao processo interpretativo pelo juízo perceptivo. Sendo que esta percepção imediata pertence ao plano da Primeiridade, sendo gerada pelas sensações, pela pura qualidade, não envolvendo inferência.

Outra abordagem que concebe a percepção do mundo pelos organismos ocorrendo de forma direto é a proposta pela Filosofia Ecológica. Na próxima seção, apresentamos os principais conceitos que subjazem esta concepção.

3. A percepção no contexto da Filosofia Ecológica

A abordagem ecológica, oriunda da Filosofia Ecológica⁸, tem como precursor central Gibson (1986). A proposta gibsoniana caracteriza-se como uma vertente do realismo direto (ou “realismo ingênuo”). Esta abordagem se fundamenta, principalmente, em noções como: *reciprocidade ecológica*, *affordances* e *eventos*. Tais noções são fundamentais para a tentativa de se explicar a percepção/ação dos organismos sem a necessidade de recorrer a representações. Isto porque a percepção do mundo físico pelos organismos não dependeria de estímulos captados em escalas microscópicas (que se refeririam a estímulos neurais, por exemplo) ou macroscópicas, mas através de diferenciações realizadas na escala ecológica.⁹

⁹ A abordagem ecológica situa a percepção/ação na escala ecológica. O mundo físico compreende escalas cósmicas e escalas atômicas, escalas desconsideradas segundo essa perspectiva. A escala ecológica, por sua

No estudo da percepção dos organismos, os adeptos do viés ecológico utilizam a noção de reciprocidade ecológica para explicitar a necessidade e a dependência entre o organismo e seu ambiente. A dinâmica do primeiro interfere na dinâmica do segundo (e vice-versa) constituindo uma relação de mutualidade; em função dessa relação, ambos coevoluem através de elementos que explicitam as possíveis ações do organismo no ambiente em que está inserido. Nesse contexto, a percepção é um fluxo contínuo e ininterrupto. Conforme ressalta Gibson (1986, p. 58), o organismo não capta estímulos únicos e sequenciais, pois a percepção consiste numa captação de estímulos constante que não pode ser separada em unidades elementares. Desse modo, a percepção é o elemento que une organismo e ambiente necessariamente.

Segundo os teóricos da abordagem ecológica, a percepção do mundo envolve a percepção de *affordances*. Estas constituem as informações significativas presentes no meio. A percepção de *affordances* não requer a capacidade de representar ou qualquer tipo de conceitualização. Além disso, o significado não é separado da informação. Em contraste às concepções tradicionais representacionistas que, em geral, separam o significado interpretado da informação captada, como no caso da percepção indireta que envolveria necessariamente processamento de informação, os teóricos da Filosofia Ecológica argumentam que a informação e o significado são indissociáveis, sem necessidade de haver processamento interpretativo de informação na abordagem ecológica.

Segundo Gibson (1986), a informação disponível no mundo para a percepção é necessariamente significativa, pois se refere à especificação do ambiente que o sistema perceptivo do observador, nele naturalmente inserido, capta. As características significativas dos objetos são especificadas pela distinção que o organismo faz das informações captadas no plano da ação.

De acordo com Gibson, a percepção de um elemento do meio refere-se às suas *affordances* e não às suas qualidades. Nesse sentido, o que um organismo capta, num primeiro momento, é o significado deste elemento: a percepção é direta. A captação de uma *affordance* não depende de classificação e definição das coisas; por exemplo, não há a necessidade do conceito que explicita uma cadeira para a percepção das possibilidades que ela oferece. Na abordagem ecológica, a informação tem dois polos: a própriocepção (percepção de si) e a externocepção (percepção do outro ou do externo). Tais polos são indistintos, pois, como argumenta Gibson, a informação disponível (*affordance*) no ambiente especifica ambos os polos simultaneamente e, desse modo, não há separação entre ambos. Há apenas um ambiente, embora ele contenha inúmeros observadores e inúmeras possibilidades de ação.

O que um organismo capta – *affordance* – do meio não deve ser confundido com os acontecimentos que efetivamente ocorrem nesse meio. Embora as ações dos organismos se baseiem nas *affordances* captadas do ambiente, nem sempre elas correspondem ao que acontece no mundo. Além disso, vale ressaltar que um objeto, raramente, *affords* uma única coisa. Os elementos presentes no ambiente acomodam inúmeras *affordances*, isto é, inúmeras possibilidades de ação. Estas, por sua vez, se estruturam em eventos.

vez, é uma escala intermediária, de metros e centímetros, natural à dimensão e à percepção/ação dos organismos.

A abordagem ecológica é uma abordagem sistêmica caracterizada pelos eventos. Os eventos constituem redes de acontecimentos que apresentam as características significativas (*affordances*) do ambiente aos organismos. Os eventos compreendem as redes de acontecimentos no mundo enquanto interligadas. Desse modo, a abordagem ecológica se fundamenta em uma visão sistêmica a qual não permite, sem prejuízo, análises isoladas de contextos ou fragmentadas. Várias redes de eventos formam um sistema complexo. Este é capaz de englobar conjuntos de elementos interligados com muitas camadas as quais possuem temporalidade e historicidade próprias e formam uma unidade. No plano da percepção, os eventos dão o contexto das *affordances*; sem estes a captação de informação não é possível já que constituem seu substrato. As várias *affordances* que um computador pode oferecer, por exemplo, para o seu usuário só fazem sentido no caso específico do homem e em certos contextos de eventos, pois uma tribo sem contato com essas tecnologias não saberia como utilizá-lo.



Em síntese, na abordagem ecológica da percepção, a noção de reciprocidade ecológica garante a relação indissociável ambiente/organismo sem que esse possua, necessariamente, qualquer capacidade de representar. As *affordances*, por sua vez, constituem os aspectos significativos captados diretamente no ambiente. Os eventos caracterizam a abordagem ecológica numa perspectiva sistêmica e dinâmica. Com estes elementos a percepção é concebida como contínua e imediata e se refere, simultaneamente, ao organismo e ao meio através das *affordances*.

4. Pragmatismo, Filosofia Ecológica e percepção: correlações

No que foi exposto, buscamos trazer elementos que possibilitem uma análise acerca da questão central deste trabalho, qual seja: é possível estabelecer uma aproximação entre as abordagens *pragmatista* e *ecológica* da percepção? Julgamos que sim, porém sem desconsiderar alguns graus de correlação. Entendemos que as principais características que possibilitam estabelecer tal são:

- Realismo direto
- Percepção direta
- Abordagem sistêmica

O realismo direto está presente tanto na perspectiva pragmática quanto na ecológica, uma vez que ambas as abordagens concebem um mundo externo que independe de uma mente subjetiva para existir. Este mundo externo estaria repleto de objetos físicos, os quais são conhecidos por meio da percepção. Ela ocorreria de forma direta, sem a mediação de representações mentais internas dadas *a priori*. Consideramos que o pressuposto metodológico da existência de um plano real que afeta os sentidos, mas cuja composição não depende de uma mente que garanta sua realidade, assegura um elo entre as perspectivas pragmatistas e ecológicas. Tal postura também é denominada por realismo ingênuo, o qual recusa “[...] uma análise da experiência subjetiva (que os objetos causam a nós) em uma *awareness*¹⁰ de algum objeto”¹¹ (1995, p. 571, tradução nossa). O realismo ingênuo não duvida dos



¹⁰ A tradução desse termo é complicada devido ao fato de não se possuir na língua portuguesa uma palavra que expresse totalmente seu significado. *Awareness* pode ser entendido, grosso modo, como o estágio de semiconsciência (*senciência*), isto é, como o estágio em que há a atenção ao objeto, mas não uma consciência total dele.

¹¹ [...] an analysis of the subjective experience (that objects cause us to have) into an awareness of some object.

dados que aparecem à percepção; mesmo com a possibilidade de que o organismo possa captar certas *affordances* e realizar ações equivocadas, os elementos que permitiram o surgimento desse significado são reais.

Vale ressaltar que tanto as teorias de cunho pragmático quanto as que assumem a perceptiva ecológica defendem a imediatividade da percepção enquanto fundamental num primeiro momento. Entretanto, tais abordagens não descartam a possibilidade de que certas situações exijam processamento de informação, formação de conceitos, etc.. **A diferença, nesse contexto, é que a percepção peirceana atribui aos organismos (e a tudo que tem mente¹²) a capacidade de conferir significado ao meio. Em contraste, a abordagem ecológica argumenta que o processamento de informação ou captação de uma informação encapsulada seria externo e apareceria à atenção dos organismos que, num segundo momento, se detém a mais elementos e mais relações no mundo e, em geral, desencapsulam a informação.**

Na Filosofia Ecológica, a percepção é direta em sua grande maioria, enquanto que no pragmatismo peirceano, ela se apresenta de forma gradativa por meio do conceito de *percipuum*. Isto é, na concepção peirceana da percepção, a captação do *percipuum* é apenas um estágio da percepção, uma etapa do reconhecimento dos objetos físicos que estão no mundo externo pelo organismo, a qual é acompanhada por um juízo perceptual posteriormente. **Na perspectiva ecológica, o juízo perceptivo não constitui um estágio da percepção. Este poderia ser considerado como um passo adiante, não necessário e não fundamental à compreensão da percepção.**

Rejeitando a concepção internalista-representacionista (segundo a qual a percepção é um processo interno mediado por representações), a abordagem ecológica supõe que o agente e os elementos do meio coevoluem, constituindo um único sistema dinâmico. A dinâmica de formação e desenvolvimento da percepção caracterizada em termos da atuação de agentes situados no mundo externo é uma necessidade lógica, segundo os pragmatistas, pois toda percepção envolve signos. Os signos, nesse sentido, vinculam o entendimento do mundo externo e assim, direcionam ações. Eles representam as proposições geradas pelas observações do mundo e proporcionam generalizações.

O aspecto sistêmico, por sua vez, é compartilhado pelo Pragmatismo peirceano e pela Filosofia Ecológica no sentido de que as mudanças no ambiente, mesmo que não estejam diretamente relacionadas com o elemento captado, interferem na percepção. No viés do pragmatismo, as regras e os hábitos estabelecidos pelo juízo perceptivo estão constantemente se alterando, influenciando na dinâmica um do outro. Do mesmo modo, **na abordagem ecológica, a captação da informação depende do contexto – rede de eventos – na qual o organismo está inserido. Sem uma rede de experiências relativamente estáveis que fundamente a percepção, as ações dos organismos podem ser comprometidas.** Por exemplo, se um índio, que teve muito pouco contato com a civilização urbana, for levado a uma cidade grande, a probabilidade de que ele fique perdido e sem saber como agir é muito grande. O mesmo vale para o caso de indivíduos urbanos que são levados para viver em florestas; eles não conseguem captar determinadas

¹² A concepção peirceana de mente engloba todos os elementos do cosmos. Postura que pode ser denominada pan-psiquista. Segundo Peirce, todos os elementos do universo possuem mente (pensamento) e, conseqüentemente, são capazes de se relacionarem entre si através da tríade peirceana no processo de geração e quebra de hábitos.

informações presentes no ambiente que para um nativo daquela região é comum perceber.

Conclusão

Enfim, retomando a questão que intitula o texto – é possível uma aproximação entre as perspectivas ecológica e pragmatista da percepção? – respondemos do seguinte modo: sim e não. Sim, a partir dos pressupostos do realismo direto, percepção direta (em certo grau) e abordagem sistêmica – explicados na seção anterior. Não, em decorrência de quão “direta” é a percepção na perspectiva peirceana. **O julgamento perceptivo (elemento essencial à percepção, segundo Peirce) extrapola o escopo da abordagem ecológica, uma vez que engloba regras e hábitos, que podem ser simultâneos à percepção, que não são explicitados pela abordagem ecológica.** Por outro lado, embora a perspectiva peirceana da percepção seja de cunho processual, entendemos que sua aproximação com a perspectiva ecológica a situa, em determinado grau, como um novo campo conceitual para a compreensão da percepção segundo a perspectiva direta.

Agradecimentos

Agradecemos as colaborações dos membros do GAEC (UNESP/Marília), com especial ênfase a Lauro Frederico Barbosa da Silveira, Ana Maria Guimarães Jorge e Ramon Capelle de Souza Andrade. Agradecemos também ao apoio da FAPESP (proc. 2011/15601-4), CAPES e CNPq.

* * *

Referências

- BONJOUR, L. (2007). Epistemological problems of perception. In: *Stanford Encyclopedia of Philosophy*. Disponível em: <<http://plato.stanford.edu/entries/perception-episprob/>>. Acesso em: 22 out 2011.
- _____. Perception. In: *The Cambridge Dictionary of Philosophy*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.
- GIBSON, J. J. *The ecological approach to visual perception*. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, Inc, 1986. (Original work published 1979).
- JORGE, A. M. G. *correspondência pessoal*. 2011.
- PEIRCE, C.S. *Semiótica*. São Paulo: Perspectiva, 1999.
- _____. *The Collected Papers of Charles Sanders Peirce*. Electronic edition. Vols. IVI. (Eds.) Hartshorne, C & Weiss, P. (1958). Vols. VII-VIII. (Ed.) Burks, A. W. Charlottesville: Intelelex Corporation. Cambridge: Harvard University, 1931-1935.
- RODRIGUES, G. C. L.; MORAES, J. A. *Information and meaning: do artificial systems manipulate meaningful information?* Trabalho apresentado no VIII EBICC, 2009.

SANTAELLA, L. *A teoria geral dos signos: Como as linguagens significam as coisas*. São Paulo: Pioneira, 2000.

SILVEIRA, L. F. B. *Curso de Semiótica Geral*. São Paulo: Quartier Latin, 2007.

TURVEY, M. T.; CARELLO, C. The equation of information and meaning from the perspectives of situation semantics and Gibson's ecological realism. In: *Linguistics and Philosophy*, v. 8, 1985.